

1.º - A queda dum anjo

No meu véelho laboratório da antiga Faculdade de Medicina, entrou um dia, acompanhando o então presidente da República, sr. Teixeira Gomes, um homem de cartola e fraque. Era ainda novo, de aspecto tímido, e tinha alguma coisa de feminino nas maneiras suaves e fugidias. Era ou parecia modesto e simples, êste personagem de cartola e fraque, que me disseram ser o sr. Sérgio, Ministro da Instrução. Fiquei, desde então, simpatizando com o sr. Sérgio.

//

Durante um tempo não mais ouvi dêle falar, e esqueci o caso.

Em Paris, um dia, falaram-me do sr. Sérgio, que ali estava exilado, e em difíceis circunstâncias.

E a minha simpatia aumentou, sem que no entanto eu soubesse ao certo quem era e o que fazia o sr. António Sérgio.

//

Mais tarde, já em Portugal, disseram-me ainda que o sr. António Sérgio, não sendo um fura-paredes, sendo mesmo de craveira mental muito modesta, era, no entanto, não só um grande trabalhador, mas um homem intelectualmente honestíssimo. E que, além de honesto, se batia pela probidade intelectual, temazmente trabalhando contra a retórica e outros vícios que intoxicavam a nossa vida mental.

Os tempos correram, e um dia o sr. Sérgio apareceu-me, de lança em punho, arremetendo precisamente contra um dos mais completos expoentes da nosa «fumisterie» intelectual.

Não tive tempo de seguir a batalha. Um ou outro fragmento de artigo lido na ocasião desconsoaram-me pela pobreza da dialética, pelo ar conselheiral, pela suficiência um pouco pedante que nêles transparecia. Mas a minha simpatia marteve-se, e assim, em dada ocasião, tornei-a manifesta.

E tendo-me alguém dito, a propósito dessa pugna, que o sr. Sérgio era o Herói Renovador da mentalidade portuguesa, o inimigo implacável do filosofismo lírico e retórico, sentimentalizado e ôco, a minha simpatia juntou-se entusiasmo, que tornei manifesto: e, como um soldado, puz-me ao lado do herói...

Apezar de ter vivido vinte anos na comédia intelectual que é o nosso meio universitário e depois, alguns anos, na bambuchata que é o nosso meio intelectual, onde não sabemos que mais admirar, se as apóstrofes tonitruantes do «Génio da Raça», se os pingentes

de cêra poética do plangente vate da Lágrima; se a prosa ultra-trabalhada do sr. de Tolêdo, se as congeminações trans-históricas do sr. de Pimenta, e outras maravilhas, acreditei, confesso, na realidade do novo Herói e suas façanhas. Dulcinea-Athena tinha, enfim, entre nós, o seu Quixote...

Foi, porém, a minha última ilusão.

//

—Eis, com efeito, que, um dia, tudo faz volte-face, e o Herói Renovador me aparece, bruscamente, sob a forma estupefaciente de um «Bluff», o «Bluff» António Sérgio; o qual intitulando-se **Critico da Cabeça até aos pés**, é apenas um **Critico sem pés nem cabeça**, um Sofista de baixa estofa, e um muito pitoresco *monsieur*. Em extremo pitoresco, mesmo: tão pitoresco que o personagem passou imediatamente a interessar-me como curiosidade caracterológica, tal qual o sr. de Tolêdo, o sr. de Pimenta, o proprietário das Barbas Gloriosas e outros Jarrões do cenário português.

E' êste «Bluff», em todo o seu pitoresco, que o público deve conhecer.

Antes, porém, de o fazermos, convem explicar as razões do facto.

Com efeito, o personagem em si, pouco vale. Como exemplo caraterológico e psicológico pertence a uma categoria bem definida, e não tem, por isso, um interesse especial. Como «filósofo» faz rir, como «critico» faz chorar...

Porque razão, nêsse caso, vem o personagem à baila?

Porque é um **Símbolo**. Símbolo de um meio e de um momento, de uma classe e de uma forma degenerada da cultura.

Símbolo porque, um «Bluff» dêste género, quando consegue ser tomado a sério, mesmo durante algum tempo, inclusivamente por algumas pessoas cultas e bem intencionadas, é um «Bluff» simbólico, cuja significação é preciso esclarecer, e cujos males é necessário cortar pela raiz.

Porém, neste momento, uma outra objecção se apresenta: foi o autor deste artigo a única pessoa, nêsse caso, suficientemente esperta e penetrante para descobrir o «Bluff»?

Dar-se-á, em suma, o caso do Rei Vai Nú, e vem o autor fazer aqui o papel do garoto?

Não, leitor; o «Bluff» é conhecido de muita gente; muita gente sabe, reconhece e diz que o sr. Sérgio é um «Bluff», grotesco personagem destituído de qualquer valor e seriedade. Muita gente, antes de mim, o verificou; mas, ou seja por comodismo, ou seja porque lhes repugna, ou ainda por commiseracão, ou por outras razões, calam-se, e deixam assim correr os marfins.

Não entendemos, porém, as

O "Bluff"

por ABEL

Um «Bluff», sim leitor, um tremendo e inconcebível «Bluff», crecido no nosso meio como o tortulho nos arvôres, sem o público disso se aperceber...

Um «Bluff» quasi épico, em que a petulância, a jactância, a suficiência, a inconsciência, e a ignorância se dão as mãos. Um «Bluff» em que se conjugam o Catedrático, o Acácio, Mr. Prudhomme, o Gros-Guillaume, o Cristo laico, o Pontifex Maximus, o Tartufo, o Mr. Jourdain, e vários outros que ao «Bluff» legaram os seus *detrictus*.

Um «Bluff» enfim, de tal ordem, e tão singular, que o próprio sr. Sérgio é vítima inconsciente do seu próprio «Bluff»...

Esta é a singularidade do «Bluff»-Sérgio: — singularidade tal que podemos dizer sem receio de desmentido que o sr. Sérgio, sendo um «Tartufo», não tem a consciência do seu Tartufismo; e que, sendo um plagiador, quasi não tem a consciência de que o seja...

Paradoxo êste de que o leitor terá a explicação, quando, na ocasião própria, traçarmos o esquisso caraterológico do triste personagem.

Triste porque o sr. Sérgio é um dêstes exemplares humanos que, em vez de gerar ódios ou antagonismos, apenas gera o dó: pois é a vítima, no fundo ingênua e pueril, de uma constante ilusão, a ilusão do seu próprio ideal, isto é, da transformação automática do seu Eu-Real no seu Eu-Ideal. Vítima ainda da sugestão nele exercida pela máica do pensamento e pela hipnose dos pensadores, que nele criaram a ambição fallida, e por isso mesmo tanto mais obsessiva, fascinante, do pensamento e da critica, da razão e da filosofia.

Desta forma o sr. Sérgio, símbolo de um meio, é, ao mesmo tempo, símbolo de um tipo: é êste duplo símbolo que mais deve interessar por um momento. Porque entrar na consciência dêle é entrar na consciência do que é a «fumisterie» do nosso meio intelectual, onde, das universidades às academias, e do livro ao jornal, passando pela revista, tudo é, com poucas excepções, «Bluff» puro e comédia.

E nenhum peor «bluff», nenhuma peor comédia de que aquella que se apresenta com aspectos messianicos, revolucionários, ou renovadores, que não são mais do que puras aparências encobrimdo uma realidade bem diferente.